



*“Se quiser que os seus filhos sejam brilhantes,
leia contos de fadas para eles. Se quiser que
sejam ainda mais brilhantes, leia ainda mais
contos de fadas”.*

Albert Einstein

CONTOS E HISTÓRIAS PARA O ANO TODO

Quando estamos no aconchego de casa, num momento único com nossos filhos, às vezes nos perguntamos: qual história posso contar?

A criança no primeiro setênio se sente acolhida com alguns contos rítmicos, que a partir da cadência e repetição de alguns trechos significativos, criam uma estrutura de fácil assimilação para a criança. Já os contos de fadas, que retratam, a partir de imagens grandiosas e arquetípicas, as verdades espirituais que cercam o ser humano, oferecem um rico alimento para a alma infantil. Essas imagens, que muitas vezes nós adultos não conseguimos adentrar, são assimiladas pela criança sem a participação do intelecto. Portanto, não “explique” as histórias para seu filho. Deixe apenas que ele viva genuinamente nas imagens que elas contêm.

Em meio a correria diária acabamos por não observarmos os ritmos da natureza, contudo, nossa alma encontra aconchego quando observamos o movimento das estrelas no céu ou o abrir de uma flor, parece que colocamos luz nos acontecimentos, celebramos cada estação do ano e brindamos a vida humana.

Ter durante a infância uma vida familiar de contos, histórias, canções ou poemas, permite que a criança possa ver, sentir e incorporar muitas nuances com que ela se encontra em um único

conto, durante um longo tempo. É algo que certamente carregará por toda a vida.

Podemos contar histórias acompanhadas por pequenos rituais: acender uma vela, cantar uma música ou estender um tapete no ambiente. O adulto pode memorizar a história tão verdadeiramente que não precisará ler, mas se for necessário a leitura que seja de forma discreta, sem que a criança veja imagens ou o texto, e também tentar olhar ao máximo os olhos da criança. São pequenos atos que tornam esse momento sagrado na memória da criança.

O importante ao contarmos uma história aos nossos filhos é que essa vontade seja genuína e verdadeira, dessa forma tudo irá reverberar durante o dia todo e será acolhido na alma humana fortalecendo o pensar, sentir e querer por toda a vida.

Professoras e auxiliares da Educação Infantil EWRS.

Ana Lucia, Brenda, Cleonice, Erika, Glaucia, Juliana, Malu e Paula.

Fernanda, Joelma, Natalia Fiuza e Natalia Lobo.



CONTOS PARA O MATERNAL

A BETERRABA

Conto Folclórico Alemão

Vovô plantou uma beterraba e disse-lhe
- Cresça beterraba, cresça e fique bem doce! Cresça
beterraba, cresça e fique bem forte!
A beterraba cresceu doce, forte e grande, enorme.
Vovô foi tirar a beterraba da terra. Puxava, puxava, mas não
conseguiu tirá-la da terra.
Vovô então foi chamar a vovó.
Vovó segurava o vovô,
Vovô segurava a beterraba,
Puxavam, puxavam, mas não conseguiam tirar a beterraba da terra.
Vovó então chamou o netinho.
O netinho segurava a vovó,
Vovó segurava o vovô,
Vovô segurava a beterraba.
Eles puxavam, puxavam, mas não conseguiam tirar a beterraba da
terra.
O netinho então chamou o cachorrinho.
O cachorrinho segurava o netinho,
O netinho segurava a vovó,
Vovó segurava o vovô,
Vovô segurava a beterraba.

Eles puxavam e puxavam, mas não conseguiam tirar a beterraba da
terra.
O cachorrinho então foi chamar o gatinho.
O gatinho segurava o cachorrinho,
O cachorrinho segurava o netinho,
O netinho segurava a vovó,
Vovó segurava o vovô,
Vovô segurava a beterraba.
Eles puxavam e puxavam, mas não conseguiam tirar a beterraba da
terra.
O gatinho então foi chamar o ratinho.
O ratinho segurava o gatinho,
O gatinho segurava o cachorrinho,
O cachorrinho segurava o netinho.
O netinho segurava a vovó,
Vovó segurava o vovô,
Vovô segurava a beterraba.
Eles puxaram e puxaram, e conseguiram tirar a beterraba da terra.
Assim, foram para a cozinha preparar a salada
fresquinha e almoçaram com muita alegria.

O MINGAU DOCE

Contos de Grimm - adaptação de Mario Quintana e Stella Altenbernd

Era uma vez, onde foi, onde não foi, uma menina bem comportada, mas muito pobre, que vivia com sua mãe. Chegaram a tal estado de pobreza, que não tinham nada para comer.

Um dia, a menina foi ao bosque e lá encontrou uma velha que, sabendo da sua miséria, deu-lhe uma panela de presente. Vocês acham pouco? Mas era só dizer: - Ferve panelinha!, para que ela se pusesse a cozinhar um gostoso mingau doce. E, quando a gente lhe dizia: - Pára, panelinha!, ela deixava de cozinhar.

A menina levou o presente para sua mãe e, assim, ficaram livres de passar fome, pois tinham sempre mingau doce a vontade.

Certa ocasião, em que a menina havia saído, sua mãe disse: - Ferve, panelinha! – E esta pôs-se a cozinhar e a mulher comeu até se fartar. Depois, quis que a panela parasse de cozinhar. Mas a pobre mulher estava tão empanturrada de mingau que não houve meio de se lembrar das palavras mágicas. De modo que a panela continuou cozinhando até que o mingau chegou à borda e caiu para fora.

E, assim, encheu toda a cozinha e a casa e, depois, a casa ao lado e a rua, como se quisesse acabar com a fome de todo mundo. Até que ninguém mais sabia o que fazer e o desespero era grande.

Quando já faltava só uma casa para ser inundada, a menina votou e disse apenas: Pára, panelinha! – e a panela parou de cozinhar. E todas as pessoas que queriam entrar na cidade foram obrigadas a abrir caminho comendo mingau!

A ÁRVORE DAS CRIANÇAS

Ursula Wölfel

Certa vez uma pequena menina ganhou um balão amarelo, mas o vento arrancou-o de sua mão.

- Pare, pare! – gritou a menina, e a árvore segurou o balão.

A pequena menina subiu num banco, e do banco trepou na árvore, e segurou o balão com as duas mãos.

- Desça! – chamaram as outras crianças.

Mas a pequena menina respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar o balão!

Então um menino subiu na árvore.

- Agora desçam! – chamaram as crianças.

Mas o menino respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar a pequena menina e a pequena menina tem que segurar o balão!

Então uma menina grande subiu na árvore.

- Desçam agora! – chamaram as outras crianças.

Mas a menina grande respondeu:

Não consigo, tenho que segurar o menino, e o menino tem que segurar a pequena menina e a pequena menina tem que segurar o balão!

Então um menino grande subiu na árvore. Primeiro ele pegou o balão e desceu da árvore.

Depois desceu a menina grande. Depois desceu o menino e por fim desceu a pequena menina que ficou muito contente por ter seu balão amarelo de volta.

JOÃZINHO E A SEMENTE DE MAÇÃ

Lenda dos colonizadores da América do Norte

Era uma vez um menino chamado Joãozinho, ele gostava muito de comer maçãs e ficava muito feliz ao ver as pequenas sementinhas marrons e lustrosas que dormiam lá dentro. Um dia sua mãe lhe contou que cada uma dessas sementinhas poderia transformar-se uma macieira, se fosse posta na terra, aquecida pelo sol, regada pela chuva e abençoada por Deus.

Joãozinho então começou a juntar as sementinhas e todo mundo chamava-o de Joãozinho Semente de Maçã. Quando já havia juntado uma boa porção, pediu à sua mãe:

- Por favor, mãezinha, costura uma bolsinha para que eu possa guardar as minhas sementes!

A mãe pegou um retalhinho de pano e costurou uma bolsinha onde Joãozinho pôs as sementes.

Quando a bolsinha ficou cheia, ele foi falar com sua mãe:

- Por favor, mãezinha, costure uma bolsa maior para minhas sementinhas!

A mãe pegou um retalho maior, costurou uma bolsa maior e Joãozinho pôs as sementinhas nela. E quando essa bolsa também ficou cheia, Joãozinho foi pedir mais uma vez à sua mãe:

- Por favor, mãezinha, costure uma bolsa maior para as minhas sementinhas!

Depois que essa bolsa ficou cheia, ele foi pedir mais uma vez à sua mãe, e ela então pegou um pano bem grande e costurou um grande saco.

Quando esse saco ficou cheio, Joãozinho já era João, um jovem, e disse a sua mãe:

- Agora irei pelo mundo e plantarei as sementes, para que todas as crianças possam se alegrar com as maçãs.

E preparou-se para a viagem: sapatos ele não tinha, mas estava acostumado a andar descalço e as solas de seus pés estavam bem grossas; na cabeça pôs uma panela, numa mão levou o bastão e no ombro, o saco com as sementes. Mas levava também um livro cheio de orações e histórias santas para pedir a benção de Deus.

Assim disse adeus a sua mãe e saiu cantando:

*“O bom Deus cuida de mim,
e vou cantando assim:
Agradeço os seus presentes,
A chuva, o sol e as sementes.”*

Por onde João Semente de Maçã passava, ele plantava as sementinhas. Às vezes ele passava a noite numa fazenda ou ficava uns dias ajudando por lá. Quando se despedia espalhava as sementinhas de maçã em volta da casa. Eles teriam um belo pomar um dia!

Ele continuou caminhando, caminhando, caminhando, sempre seguindo o sol, até que um dia não pode continuar: ele havia chegado ao mar e o saco estava vazio. Durante o inverno ficou morando com uns amigos e na primavera quando tomou o seu caminho para voltar para casa, a primeira plantinha de maçã que encontrou já havia crescido e não era maior que seu dedo mindinho. As próximas plantinhas já tinham o tamanho de seu dedo anular, outras estavam como o dedo médio, e algumas já tinham o tronco da grossura do seu polegar. Continuou andando e foi encontrando árvores cada vez maiores, primeiro do tamanho de sua mão, depois do comprimento do seu antebraço, e do comprimento do braço todo. E cada vez maiores estavam, até que ele chegou em casa: lá as árvores estavam da altura dele. Sua mãe ouviu-o chegar cantando:

*“O bom Deus cuida de mim
e vou cantando assim:
Agradeço os seus presentes
A chuva, o sol e as sementes”.*

Ela correu encontrá-lo e deu-lhe uma maçã que havia amadurecido nas suas árvores.

Esta é a história de Joãozinho Semente de Maçã.

O MENININHO QUE QUERIA SER LEVADO À TODAS AS PARTES

Karin Stach

Imagem só, o menininho
saiu a passear sozinho.
Os coelhinhos pulavam,
Os passarinhos cantavam.
Então o menininho riu cantando,
e disse: “Aqui é tão lindo,
quero continuar andando!”

Assim o menininho
foi passeando sozinho.
Mas depois cansado ficou
e suspirou: “Ah, se alguém passasse
e me levasse!”

Chegou o riachinho
e levou o menininho.
Sentado no riachinho,
Pensou o menininho:
“Assim é bom viajar!”

- Mas a água era fria,
e o menino não queria
passar frio neste dia.
E logo assim dizia:
“Ah, se alguém passasse e me levasse!”

Chegou um barquinho
que levou o menininho.
Sentado no barquinho,
pensou logo o menininho:
“Assim é bom viajar!”

Mas o barquinho
era tão pequenininho,
que o menininho
teve medo de cair,
e logo foi dizendo:
“Do barquinho quero sair!
Ah, se alguém passasse e me levasse!”

Chegou um caracol
que levou o menininho
dentro de sua casinha
bem protegido do sol.
E o menininho pensou:
“Assim é bom viajar!”

Mas o caracol
é muito devagar...
e o menininho
começou a reclamar:
“Assim não quero mais viajar!
Ah, se alguém passasse e me levasse!”

Chegou um cavalinho
que levou o menininho.
Sentado no cavalinho,
pensou logo o menininho:
“Assim é bom viajar!”
Mas o cavalinho
galopava rapidinho
e o menininho
mal conseguia se segurar.

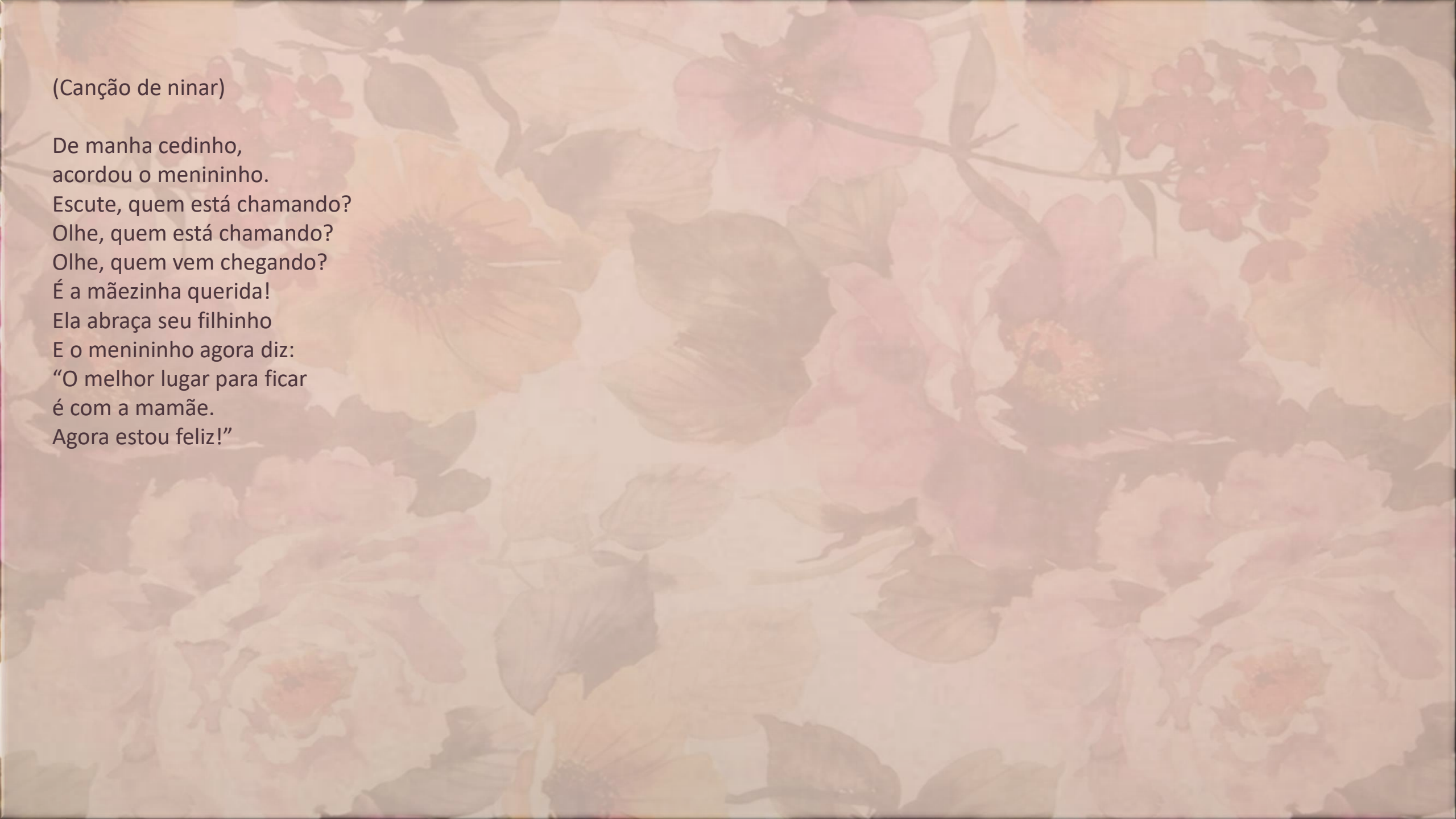
“Pare”, gritou,
“não vou aguentar!”
Mas o cavalinho
não quis parar
e o menininho,
pimba!, foi-se ao chão!
“Ah, se alguém passasse e me levasse!”

(Canção: Havia um pastorzinho...)

Chegou um pastor
que levou o menininho.
Agora, eram dois
Andando pelo caminho.

(Canção de entardecer ou anoitecer.)

A ovelhinha deitou-se
e na relva acomodou-se.
O pastor falou:
“A noite está escura,
mas não temas.
As estrelas velam por nós.
Durma bem!



(Canção de ninar)

De manha cedinho,
acordou o menininho.
Escute, quem está chamando?
Olhe, quem está chamando?
Olhe, quem vem chegando?
É a mãezinha querida!
Ela abraça seu filhinho
E o menininho agora diz:
“O melhor lugar para ficar
é com a mamãe.
Agora estou feliz!”

QUANDO UM ANJINHO JOGOU ESTRELINHAS À TERRA

Karin Stasch

Às vezes, ao anoitecer, ainda estão as camisinhas lavadas dos anjinhos no gramado, em frente ao Portão do Céu. Então, a Mãe do Céu manda um dos seus anjinhos buscá-las antes que o grande "Urso" (constelação) apareça e talvez até pise em cima delas. Assim, certa noite, foi mandado um anjinho para retirá-las. Mas quando ele lá chegou, pensou:

- "Gostaria muito de ver como é lá fora, quando o Grande Portão do Céu se fecha e o Grande Anjo da Noite vem para acender as estrelas, com todos os seus ajudantes e quando a boa Lua fica toda iluminada."

Assim ele se pôs a caminhar. Finalmente chegou até a Lua. Ela ficou olhando para ele e guardando o seu rebanho. Depois mostrou-lhe todo o seu reino e sua casa nas nuvens também. Mas ela percebeu que este anjinho não era um anjinho da Noite, mas sim, um anjinho do Dia. Os anjinhos do Dia tinham pó dourado do Sol nas asas e os da Noite, são de veludo azul como a noite.

Então a Lua mandou o anjinho voltar bem depressa.

Ao caminhar de volta, o anjinho olhou para baixo e viu que a Terra estava toda escura. Ele só conhecia a Terra durante o dia quando o Sol a iluminava. Assim, o anjinho pensou:

- "A Terra também deve estar iluminada durante a noite."

Pegou uma estrela e jogou com toda força, para baixo, na escuridão. Por um instante ainda se podia ver o seu rastro luminoso, mas logo estava tudo escuro como antes. Assim, ele jogou três estrelas, uma atrás da outra.

Já estava clareando o dia quando o anjinho chegou ao Portão do Céu. Com um som maravilhoso de trombones ele se abriu. Chegou também o Anjo que recolhia todas as luzinhas das estrelas, mas faltavam três estrelas. Foi descoberto o que aconteceu, pois também faltou um dos anjinhos. Ele teria que ir até o Deus-Pai e contar tudo. O Deus-Pai abanou a cabeça e disse:

- "A Terra tem que ter a sua própria luz e as estrelas têm que voltar ao seu lugar. Você as jogou, assim terá que ir buscá-las."

Assustado o anjinho se pôs a caminho. Lá em baixo, na beira das nuvens, ele guardou as suas asinhas e foi à Terra.

Em todos os lugares ele perguntava:

- "Por acaso vocês não viram uma estrela cair do Céu?" ..., Mas ninguém tinha visto.

Caminhando ele chegou a uma montanha. Ele bateu e chamou até que o Espírito da Montanha apareceu.

- "Sim", ele disse, uma estrela caiu em cima da minha montanha, vamos ver o que aconteceu".

Eles juntos subiram e viram uma linda flor que luzia tão branca e pura, com uma estrelinha dourada bem no centro e tinha um perfume diferente, um perfume de noite. Assim, o Espírito da Montanha disse:

- "Olha, eu não posso devolver a sua estrela, ela agora está enfeitando a minha montanha.

O anjinho tinha de continuar a sua caminhada e chegou a uma lagoa muito bonita. Lá no fundo brincavam as Ondinas que olharam para cima vendo quem estava espiando. O anjinho falou, chamou a Rainha das Ondinas e perguntou pela Estrela

- "Sim", disse ela, "mas os meus peixinhos a engoliram e ficaram todos dourados. "

Realmente, o anjinho viu que muitos peixinhos estavam dourados. Todo o ouro da estrela estava em suas escamas.

Assim, ele caminhou mais um pouco, chegando até uma cidade. Lá, durante a noite, havia nascido uma criancinha e todos correram para vê-la, pois aquele que olhava nos olhos dela ficava muito alegre e quem estava doente ficava curado. Mas a mãe dele sabia disso. Era porque uma linda estrela caíra do Céu, no meio do coração desta criança.

O anjinho voltou ao Deus-Pai, sem as estrelas e contou porque não as tinha trazido de volta. Quando terminou de contar disse-lhe o Deus-Pai:

- "Então, que as estrelas fiquem lá onde caíram, elas causam alegria para todos. Mas você tem de prometer que nunca mais fará isto."



CONTOS PARA O JARDIM

O LOBO E OS SETE CABRITINHOS

Irmãos Grimm do livro Conte Outra Vez Contos Rítmicos de Karin Stasch

Era uma vez uma velha cabra que tinha sete cabritinhos e os amava com todo o amor que uma mãe tem por seus filhos. Um dia, ela quis ir à floresta buscar alimento, chamou todos os sete filhos e disse: “Queridos filhos, eu preciso ir à floresta; fiquem de guarda contra o lobo; se ele entrar aqui, comerá todos vocês, com pele, pêlo e tudo. O malvado frequentemente se disfarça, mas vocês o reconhecerão logo pela voz rouca e os pés pretos”. As crianças responderam: “Mãe querida, teremos cuidado; pode ir sem receio”. A cabra então fez “mé-é-é-é” e pôs-se a caminho, despreocupada.

Não demorou muito, alguém bateu à porta chamando: “Abram a porta, queridos filhos, sua mãe está aqui e trouxe consigo algo para cada um de vocês”. Mas os pequenos sabiam que era o lobo, pela voz rouca e gritaram: “Não abriremos a porta, você não é a nossa mãe. Ela tem uma voz doce e agradável, e a sua é rouca; você é o lobo! ”. Então o lobo foi até à loja de um comerciante e comprou um grande pedaço de giz, comeu-o e com isso tornou a voz suave.

Voltou então à casa e bateu: “Abram, filhinhos, sua mãe está aqui e trouxe consigo algo para cada um de vocês”. Mas

o lobo tinha colocado sua pata preta na janela, e as crianças, ao vê-la, gritaram: “Não abriremos a porta; nossa mãe não tem pés pretos como você; você é o lobo! ”. E o lobo foi até o padeiro e disse: “Machuquei o meu pé; passe um pouco de massa nele”. E após o padeiro ter-lhe passado a massa, correu ao moleiro e disse: “Passe um pouco de farinha branca na minha pata”. O moleiro pensou consigo mesmo: “O lobo quer enganar alguém”, e recusou; mas o lobo disse: “Se você não o fizer, eu o comerei”. E o moleiro, com medo, fez com que a pata do lobo ficasse branca.

O malvado voltou, então pela terceira vez à porta e bateu: “Abram para mim, crianças, sua mãezinha está de volta e trouxe para cada um de vocês algo da floresta”. Os cabritinhos gritaram: “Primeiro, mostre-nos sua pata para sabermos que é a nossa querida mãe”. E o lobo mostrou-lhes a pata pela janela, e quando viram que era branca, acreditaram no que ele dissera e abriram a porta. Quem entrou, porém, foi o lobo. Os cabritinhos ficaram apavorados e procuraram esconder-se. Um correu para baixo da mesa, o outro entrou na cama, e o terceiro dentro do forno, o quarto na cozinha, o quinto dentro do armário, o sexto debaixo da pia e o sétimo dentro do relógio. Mas o lobo

encontrou todos e não fez cerimônia; engoliu-os um por um. O mais novo, que estava no relógio de parede, foi o único que o lobo não encontrou. Satisfeito o seu apetite, o lobo saiu da casa, deitou-se sob uma árvore na campina e adormeceu. Logo depois voltou a cabra da floresta, e o que encontrou! A porta escancarada, a mesa, cadeiras e bancos revirados, a bacia quebrada, as colchas e os travesseiros fora da cama. Procurou os seus filhos, mas não os encontrou. Chamou-os um a um pelo nome e nenhum respondeu. Por fim, quando chegou a vez do mais novo, uma vizinha gritou: “Mãezinha, estou dentro do relógio”. Ela tirou o filhinho e ele contou que o lobo tinha entrado e comido os outros. Vocês podem imaginar o quanto ela chorou pelos seus pobres filhinhos.

Finalmente, em seu desespero, saiu de dentro de casa e o mais novo dos cabritinhos a acompanhou. Chegando à campina, lá estava o lobo que dormia sob a árvore e roncava tão alto que os galhos balançavam. Ela olhou bem para o lobo e viu que algo se mexia em sua barriga cheia. “Oh, céus”, disse ela, “será possível que meus filhinhos, que o lobo engoliu para o jantar, ainda possam estar vivos?”. Então o cabritinho correu para a casa a fim de pegar a tesoura, agulha e linha. A cabra cortou o estômago do monstro e, logo que deu o primeiro corte, um dos cabritinhos empurrou a cabeça para fora e, quando ela cortou

mais, todos os seis saíram, um por um. Estavam todos vivos e sem nenhum ferimento, pois, em sua gula, o monstro os tinha engolido inteirinhos. Que alegria! Eles beijavam a mãe e pulavam tal qual um alfaiate no dia de seu casamento. Então a mãe disse: “Agora procurem algumas pedras grandes para enchermos a barriga desse malvado enquanto ele ainda dorme”. Os sete cabritinhos correram para pegar pedras e puseram na barriga do lobo tantas quantas couberam, e a mãe costurou-o às pressas, e o lobo não sentiu nada e nem sequer se mexeu. Quando finalmente o lobo acordou, levantou-se e foi procurar um poço para beber água, pois as pedras em seu estômago o deixaram com muita sede. Porém, quando ele começou a andar, as pedras começaram a sacudir e soar a barriga. Então ele disse: “Que sons esquisitos nas tripas minhas. Serão cabritos ou serão pedrinhas?”. E quando ele chegou ao poço e inclinou-se para beber água, as pedras fizeram-no cair e afogar-se.

Quando os sete cabritinhos viram isso, correram para olhar e gritaram: “O lobo está morto, o lobo está morto!” e dançaram de felicidade em volta do poço com sua mãe.

BRANCA DE NEVE

Contos de Grimm tradução de Stella Altenbernd e Mario Quintana - 1970

Em um dia de inverno rigoroso, flocos de branca neve caíam do céu como plumas brancas. Uma rainha achava-se cosendo junto ao rebordo de ébano da janela. Enquanto cosia, olhando para os flocos, aconteceu espetar a agulha em um dos dedos e três gotas de sangue pingaram sobre a neve. E, como o vermelho do sangue se destacava, vivamente, sobre o fundo branco, ela pensou: "Ah, se eu tivesse uma filha, branca como a neve, corada como o sangue e de cabelos negros como o ébano desta janela..." .

Pouco tempo depois, nasceu uma menina que era branca como a neve, de faces coradas como o sangue e cabelo negro como a madeira de ébano. Por isso lhe puseram o nome de Branca de Neve. Mas, ao nascer a filha, a rainha morreu.

Um ano depois o rei tornou a casar-se. A nova rainha era muito linda, mas orgulhosa e petulante e não suportava que alguém a superasse em beleza. Tinha um espelho mágico e, cada vez que se olhava nele, perguntava:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem, neste país, é a mais formosa?

E o espelho respondia :

- Senhora rainha, vós sois a mais formosa em todo o país.

A rainha ficava satisfeita, pois sabia que o espelho falava sempre a verdade.

Branca de Neve foi crescendo e se tornando cada vez mais linda. Quando completou sete anos, era tão bela como a luz do sol, e muito mais que a própria rainha. Esta, certo dia, perguntou ao espelho:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem, neste país, é a mais formosa? Respondeu-lhe o espelho:

- Senhora rainha, vós sois como uma estrela, mas Branca de Neve é mil vezes mais bela!

A rainha empalideceu de inveja e, desde aquele dia, cada vez que via Branca de Neve, sentia o coração apertar dentro do peito, tanto era o ódio que sentia contra a menina. E a inveja e o orgulho, como ervas daninhas, cresceram cada vez mais em sua alma, não lhe dando sossego dia e noite.

Certa ocasião, chamou um caçador e lhe disse:

- Leva esta menina à floresta, que eu não posso mais vê-la. Deverás matá-la e, como prova de teres cumprido minha ordem, traze-me o seu coração e o seu fígado.

O caçador, obedecendo, encaminhou-se para o bosque com a menina. Mas, quando já ia cravar a faca no coração inocente da criança, esta começou a suplicar chorando:

-Tem dó de mim, bom caçador, deixa-me viver... Ficarei no bosque e nunca mais voltarei ao palácio.

E, como era tão formosa, o caçador comoveu-se e disse-lhe:

- Vai-te, pobrezinha! - E pensou: -"As feras não tardarão a devorar-te!"

Sentiu-se, no entanto, aliviado por não matá-la.

Naquele momento, passava por ali um veado, e o caçador, então, matou-o. Tirou-lhe o coração e o fígado e os levou à rainha como prova de haver cumprido sua ordem. A perversa mulher entregou-os ao cozinheiro para que os preparasse e depois os devorou, pensando que eram o coração e o fígado de Branca de Neve.

Nesse meio tempo, a pobre menina estava sozinha na floresta imensa. Sentia tanto medo que se sobressaltava ao menor movimento das folhas nas árvores, sem saber o que fazer. Saiu correndo por entre espinhos e pedras pontiagudas. Os animais selvagens passavam, saltando, a seu lado, mas não lhe faziam mal nenhum. Continuou correndo enquanto seus pés podiam carregá-la até que o sol se escondeu. Viu, então, uma casinha e nela entrou para descansar.

Tudo ali era diminuto, mas tão caprichado e limpinho que não há palavras que possam descrever aquele primor.

Havia uma mesinha coberta com uma toalha branquíssima, com sete minúsculos pratinhos, cada qual com uma colherinha; e também havia sete faquinhas e garfinhos e sete copinhos. Junto à parede estavam alinhadas sete pequeninas camas, com lençóis de imaculada alvura.

Branca de Neve, que estava com fome e sede, comeu um pouquinho dos legumes e um bocadinho de pão de cada prato e bebeu uma gota de vinho de cada copo, pois não queria tirar tudo de um só. Depois, sentindo-se muito cansada, - pensou em deitar-se, mas as camas que experimentou eram largas demais ou, então, muito curtas. A sétima, finalmente, serviu-lhe bem. Deitou-se nela e, encomendando-se a Deus, adormeceu.

Já era noite fechada quando os donos da casa chegaram. Eram sete anões que se dedicavam a escavar minerais no morro. Acenderam suas sete lanterninhas e, quando a sala iluminou-se, viram que alguém ali havia entrado, pois as coisas não estavam em ordem como as tinham deixado ao sair.

Disse o primeiro dos anõezinhos:

- Quem se sentou em minha cadeirinha,

E o segundo:

- Quem comeu do meu pratinho?

E o terceiro:

- Quem cortou um pedaço do meu pão?

E o quarto:

- Quem comeu de minha verdura?

E o quinto:

- Quem usou meu garfinho?

E o sexto:

- Quem cortou com minha faquinha ?

E o sétimo:

- Quem bebeu do meu copinho?

Depois, o primeiro deu uma volta pela sala e viu que o lençol de sua cama estava um pouco amarfanhado. Exclamou, surpreso:

- Quem subiu na minha caminha ?

Os demais vieram correndo e todos gritaram:

- Alguém esteve deitado na minha!

O sétimo, porém, ao examinar a sua, descobriu nela Branca de Neve adormecida. Chamou os outros, que acorreram logo e não puderam conter suas exclamações. Trouxeram as lanternas e iluminaram a menina.

meu Deus! - diziam eles.- Que bela criaturinha!

E foi tal sua alegria que decidiram não acordá-la, mas deixar que continuasse dormindo na cama. O sétimo anão acomodou com seus companheiros, uma hora na de cada um, e assim transcorreu a noite.

Quando raiou o dia, Branca de Neve despertou e, ao ver os sete anões, assustou-se. Eles, porém, a saudaram amavelmente e perguntaram:

- Como te chamas ?

- Branca de Neve - respondeu ela.

- E como chegaste à nossa casa ! - continuaram a indagar os homenzinhos. Ela, então, contou-lhes que sua madrasta havia dado ordem de matá-la, mas que o caçador lhe poupou a vida; que corra durante todo o dia até que, ao anoitecer, encontrara a casinha.

Falaram os anões:

- Queres cuidar de nossa casa ? Cozinhar, fazer as camas, lavar e remendar a roupa e manter tudo em ordem e bem limpo? Se concordares, poderás ficar conosco e nada te faltará.

-Sim — respondeu Branca de Neve. - Com muito prazer.

E ficou em companhia dos anõezinhos. Dêse dia em diante passou a cuidar da casa com todo o cuidado. De manhã, eles saíam para a montanha em busca de ouro e outros minerais. Quando, à tarde, regressavam, a comida já estava preparada. Durante o dia a menina ficava sozinha e os bons anõezinhos a aconselhavam:

- Cuidado com a tua madrasta, que não tardará a descobrir que estás aqui. Não deixes ninguém entrar.

Mas a rainha, certa de que tinha comido o coração e o fígado de Branca de Neve, pensou que era de novo a primeira em beleza. Certo dia, porém, colocou-se frente ao espelho e lhe perguntou:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem, neste país, é a mais formosa?

E o espelho respondeu :

- Senhora rainha vós sois como uma estrela. Mas Branca de Neve, que mora nas montanhas com os sete anõezinhos, é mil vezes mais bela.

A rainha levou um choque, porque sabia que espelho falava a verdade. Ficou sabendo que o enganara e que Branca de Neve não estava morta. Pensou, pois, noutra maneira de desfazer-se dela. Enquanto houvesse no reino alguém que a ultrapassasse em beleza, a inveja não a deixaria em paz. Por fim teve uma ideia. Tisnou o rosto e se vestiu de velha vendedora. Desse jeito, tornou-se irreconhecível e, assim disfarçada, dirigiu-se às sete montanhas onde moravam os sete anõezinhos. Quando chegou à casinha, bateu à porta e gritou.

Vendo coisas boas e bonitas! Branca de Neve olhou pela janela e cumprimentou-a:

- Bom dia, minha boa mulher. Que traz para vender ?

- Coisas boas, coisas lindas! — respondeu ela. - Cordões para espartilhos, em todas as cores. - E mostrou-lhe uma fita de seda multicolor.

"Não custa nada deixar entrar essa pobre mulher" - pensou Branca de Neve e, abrindo-lhe a porta, comprou o belo cordão.

- Que vestido mal-arranjado esse teu! - exclamou a velha. - Vem, que eu mesma te porei o novo atacador.

Branca de Neve, sem suspeitar de nada, colocou-se à sua frente para que ela lhe fechasse o espartilho. A bruxa: porém, fechou-o tão bruscamente e tanto o apertou que a menina ficou sem respiração e caiu como morta.

- Agora já não és a mais formosa — disse a madrasta e saiu às pressas.

Pouco depois, pela hora do jantar, regressaram os sete anões. Que susto levaram quando viram sua querida Branca de Neve estendida no chão, sem mover-se, como morta! Correram a levantá-la e, vendo que o espartilho, apertado demais, lhe cortava a respiração, se apressaram a desafogá-lo. A menina começou a respirar levemente e pouco a pouco foi voltando a si. Quando os anões souberam de tudo, foram logo dizendo:

- A velha vendedora só podia ser a rainha malvada. Toma cuidado e não deixes entrar ninguém, enquanto estivermos fora.

Quanto à bruxa, ao entrar no palácio, correu para o espelho e perguntou:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem neste país é a mais formosa?

E o espelho respondeu como antes :

- Senhora rainha, vós sois como uma estrela, mas Branca de Neve, que mora nas montanhas com os sete anõezinhos, é mil vezes mais bela!

Ao ouvir essas palavras o sangue quase parou nas suas veias, tão grande foi a surpresa que teve, pois viu que Branca de Neve continuava com vida.

- Agora – disse ela — inventarei algo de que não escapará

Valendo-se das artes de magia, em que era mestra, fabricou um pente envenenado. Depois tornou a disfarçar-se de velha. Atravessou as sete montanhas onde moravam os sete anõezinhos e bateu à sua porta:

- Boas coisas para vender! - gritou.

Branca de Neve abriu a janela e disse-lhe:

- Siga adiante, que não devo abrir a porta a ninguém.

- Poderás, ao menos, olhar o que tenho aqui - disse a velha, mostrando-lhe o pente.

A menina gostou tanto daquele belo objeto que esqueceu todas as recomendações e abriu a porta.

Depois de terem fechado o negócio, a velha disse:

- Vem cá, que agora te farei um penteado bem bonito.

A pobrezinha, não pensando em nada de mal deixou que a velha a penteasse; mal, porém, lhe passou o pente nos cabelos, o veneno começou a agir e a menina caiu inanimada.

- Agora deixaste a beleza! -- gritou a bruxa - Agora, sim, tudo acabou!

Em seguida afastou-se. Por sorte faltava pouco para anoitecer e os anõezinhos não tardaram a chegar. Quando encontraram Branca de Neve sem sentidos, no chão, logo suspeitaram da madrasta. Procurando, descobriram o pente envenenado e, no momento em que o retiraram de seus cabelos, a menina voltou a si e explicou o que havia acontecido. De novo eles lhe recomendaram que ficasse alerta e não abrisse a porta a ninguém.

A rainha, de volta ao palácio, foi diretamente ao seu espelho e indagou:

- Espelhinho, dize-me uma coisa:

Quem neste país é a mais formosa?

E, como das outras vezes, o espelho respondeu:

- Senhora rainha, vós sois como uma estrela, mas Branca de Neve, que mora nas montanhas com os sete anõezinhos, é mil vezes mais bela!

Ouvindo o espelho falar assim, a bruxa tremeu de ódio.

- Branca de Neve morrerá! - gritou - Ainda que isso me custe a própria vida!

E descendo a uma sala secreta onde ninguém tinha entrada a não ser ela, preparou uma maçã com um veneno fortíssimo.

Por fora era linda, branca e rosada, capaz de juntar água na boca da gente. Um só bocado, no entanto era morte certa! A água na boca da era morte certa! Preparada a maçã, novamente se maquilou, vestiu-se de camponesa e atravessou as sete montanhas, indo bater à porta dos sete anões. Branca de Neve olhou pela janela e lhe disse:

- Não devo abrir para ninguém; os sete anõezinhos mo proibiram.

- Como queiras — respondeu a camponesa. - De qualquer maneira hei de vender as minhas maçãs. Olha, aqui está uma delas; toma-a de presente!

- Não — respondeu a menina - não posso aceitar coisa alguma.

- Como?! Tens medo que essas pobres maçãs te envenenem? - perguntou a velha - Vê bem, vou cortar a maçã em duas partes; come tu o lado vermelho e eu o branco.

A fruta estava preparada de modo que somente o lado vermelho tinha veneno. Branca de Neve olhou a fruta com olhos cobiçosos e, quando viu que a camponesa a comia, não pode resistir a tentação. Estendeu a mão e pegou a metade envenenada. Mal havia metido na boca primeiro pedacinho, caiu morta.

A rainha lançou-lhe um olhar terrível e, soltando uma gargalhada, exclamou:

Branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano! Desta vez os anões não te ressuscitam.

E, quando chegou ao palácio, perguntou ao espelho:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem, neste país, é a mais formosa? Respondeu-lhe o espelho, por fim:

Senhora rainha, vós sois a mais formosa em todo o país.

Só aí seu coração invejoso ficou em paz, se um coração invejoso pode ficar tranquilo.

Os anõezinhos, ao voltarem para casa naquela noite, encontraram Branca de Neve estendida no chão, sem que de seus lábios saísse o mais leve sopro. Estava morta. Levantaram-na, examinaram-na, desafogaram-lhe as vestes, alisaram-lhe os cabelos, burrificavam-na com água e vinho, mas tudo foi inútil. A pobrezinha estava morta e bem morta. Colocaram-na, então, num esquife e os sete, sentando-se em redor, ali ficaram chorando durante três dias. Depois pensaram em enterrá-la. Mas, vendo que ela ainda conservava a aparência de uma pessoa viva e que suas faces continuavam rosadas, disseram, comovidos:

- Não podemos enterrá-la neste chão negro e duro.

Mandaram fabricar um caixão de vidro que permitia vê-la de todos os lados.

Ali a deitaram e gravaram seu nome em letras de ouro: "Princesa Branca de Neve." Feito isso, transportaram o esquife até o cume da montanha e cada um deles, por turno, ficava ali de vigia.

Até os animais foram chorar a morte de Branca de Neve: primeiro uma coruja, depois um corvo e, finalmente, uma pombinha.

Branca de Neve esteve assim, por muito tempo, repousando em seu esquife, sem se decompor. Pelo contrário, parecia adormecida, pois continuava sendo branca como a neve, vermelha como o sangue e com o cabelo negro como ébano.

Sucedeu, então, que um príncipe, que se havia embrenhado na floresta, encaminhou-se para a casa dos anõezinhos, onde passou a noite. Depois, viu na montanha o esquife que continha a formosa Branca de Neve e leu a inscrição gravada em letras de ouro. Disse, então, aos anõezinhos:

- Deem-me o esquife e eu pagarei por ele o que me pedirem.

Mas eles lhe responderam:

- Não o vendemos por ouro nenhum deste mundo!

- Neste caso, me deem de presente - pediu o príncipe - porque não posso mais viver sem Branca de Neve. Hei de adorá-la sempre.

Diante disso, os homenzinhos se compadeceram do príncipe e presentearam-lhe o esquete.

O jovem ordenou a seus criados que o transportassem nos ombros. Aconteceu, então, que, durante o caminho, os homens tropeçaram numa raiz de árvore e, com a sacudida, o pedaço de maçã envenenada saltou da garganta de Branca de Neve. Pouco depois a princesa abriu os olhos e recuperou a vida. Levantou a tampa do caixão de vidro, ergueu-se e exclamou:

- Meu Deus! Onde estou ?

E o príncipe respondeu-lhe louco de alegria:

- Estás comigo! — E, depois de explicar o que acontecera disse-lhe: - Quero-te mais que tudo neste mundo. Vem ao castelo do meu pai e serás minha esposa.

Branca de Neve consentiu e foi com ele ao palácio, onde, em seguida, celebraram o casamento com grande pompa e esplendor.

A malvada madrasta de Branca de Neve também foi convidada. Depois de ter-se ataviado com seu vestido mais luxuoso, foi ao espelho e perguntou:

- Espelhinho, dize-me uma coisa: Quem neste país é a mais formosa?

E o espelho respondeu:

- Senhora rainha, vós sois como uma estrela, mas a rainha jovem é mil vezes mais bela!

A bruxa soltou uma terrível maldição e ficou como uma fúria. Primeiro pensou em não ir ao casamento, mas a curiosidade foi mais forte e ela não pôde resistir ao desejo de ver a jovem rainha. Ao entrar no salão reconheceu Branca de Neve e foi tal seu espanto que ficou parada, sem poder mover-se. Mas já tinham posto ao fogo uns sapatos de ferro, que estavam agora em brasa. Ela teve de enfiá-los e foi obrigada a dançar com eles até que caiu morta.

A SENHORA HOLLE

Tradução do livro Contos para as Crianças da Escola Livre Manacá

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas: uma formosa e trabalhadeira - feia e preguiçosa a outra. Mas amava muito mais a feia, que era sua filha legítima, sendo que a primeira fazia todos os trabalhos e era desprezada na casa. A pobre pequena tinha que se sentar todos os dias junto a um poço, ao lado da estrada, e fiar até que o sangue brotasse de seus dedos. Pois bem, sucedeu que, numa ocasião, o fuso ficou ensopado com seu sangue. Então, aproximou-se do poço para lavá-lo, mas o fuso escorregou entre seus dedos e caiu. A pequena pôs-se a chorar, correu a ver sua madrasta e contou-lhe a desgraça. A mulher repreendeu-a aos gritos, mostrou-se desapiedada e disse:

- Se deixaste cair o fuso, terás que recolhê-lo agora.

Então, a moça regressou junto ao poço e ficou sem saber o que fazer. Morta de medo, atirou-se ao poço para recolher o fuso. Perdeu o conhecimento e, quando o recobrou, estava em um formoso prado, que reluzia ao sol com suas milhares de flores. Caminhou pelo prado e passou junto a um forno transbordante de pão, e o pão gritou:

- Ai, tira-me, tira-me, que me queimo! Já faz tempo que estou assado.

Então, ela aproximou-se do forno e foi tirando todo o pão com sua pá. Logo seguiu caminhando e passou junto a uma árvore repleta de maçãs. E a macieira lhe disse:

-Ai, sacuda-me, sacuda-me! Todas as minhas maçãs estão maduras!

Então a sacudiu e as maçãs caíram como uma chuva. Seguiu sacudindo-a até que não ficou nenhuma e, uma vez que fez com todas um monte, seguiu andando. Finalmente, chegou a uma casinha. Na janela ela viu uma mulher com uns dentes tão grandes que se assustou e quis sair correndo.

A mulher chamou-a:

- De que tens medo, filhinha? Fica comigo e, se fazes como é preciso todo o trabalho da casa, ficarás bem. Somente cuidarás de fazer bem a cama, sacudindo com força os acolchoados até que saiam voando suas plumas. Então nevará no mundo, pois eu sou a Senhora Holle.

Como a mulher lhe falasse tão amavelmente, a moça animou-se, aceitando a oferta e entrou a seu serviço. Fazia tudo com vontade e sacudia os acolchoados com tal força que as plumas saíam voando pelo ar como flocos de neve.

Em recompensa, levava uma vida agradável, não recebia repreensões e comia, todos os dias, cozido e assado.

Quando tinha vivido certo tempo em casa da Sra. Holle, ficou triste; nem ela mesma sabia o que se passava, até que, por fim, compreendeu que tinha saudade, pois, ainda que vivesse mil vezes melhor que em sua casa, queria regressar. Finalmente, disse à mulher: - Tenho muita vontade de voltar para casa, pois ainda que passe muito bem aqui, não posso ficar mais tempo. Tenho que regressar aos meus.

Ao que a Sra. Holle respondeu:

- Agrada-me que queiras voltar à tua casa. E, como me tens servido tão fielmente, eu mesma te levarei.

E, tomando-a pela mão, conduziu-a a um grande portal. A porta estava aberta e, quando a moça o transpôs, caiu-lhe em cima uma chuva de ouro. E como todo ouro ficou grudado nela, permaneceu coberta ele.

- Tudo isso te dou, por teres sido tão trabalhadeira - disse-lhe a Sra. Holle - e devolveu-lhe o fuso que caíra no poço. A porta fechou-se e a moca encontrou-se acima, na terra, não longe da casa de sua mãe. E, quando chegou ao pátio, o galo que estava encarapitado sobre o poço, cantou:

- "Quiquiriqui! Nossa donzela dourada está de novo aqui!"

Entrou para ver sua mãe e, como chegava coberta de ouro, tanto a mãe quanto a irmã receberam-na bem. A moça narrou tudo quanto lhe havia sucedido. Sua mãe, ao ouvir como ela adquirira tanta riqueza, desejou a mesma sorte para a feia e preguiçosa filha. Esta teve de ir sentar-se junto ao poço e fiar e, para que o fuso se manchasse de sangue, picou-se em um dedo e esfregou a mão com sarçal.

Então, jogou o fuso no fundo do poço e saltou atrás. Igual à outra, despertou num formoso prado e caminhou pelo mesmo caminho. Quando chegou junto ao forno, o pão gritou de novo:

- Ai, tira-me! Tira-me, que me queimo! Já faz tanto tempo que estou assado!

E a folgadona respondeu: - Acreditas que tenho vontade de sujar-me!

E passou. Logo depois chegou junto à macieira que gritava:

- Ai, sacuda-me, sacuda-me! Todas as minhas maçãs estão maduras!

Mas ela disse:

- Com que incumbência tu vens a mim! Poderia cair-me uma na cabeça! - e saiu andando.

Quando chegou à casa da Sra. Holle não se assustou, porque já tinha ouvido falar de seus grandes dentes, e entrou imediatamente a seu serviço. No primeiro dia esforçou-se, mostrou-se trabalhadeira e atendeu a tudo quanto lhe pedia a Sra. Holle, pensando no muito ouro que ganharia. No segundo dia começou a relaxar, e no terceiro dia, mais relaxada ficou. Logo mais nem queria levantar-se de manhã. Tampouco fazia a cama da Sra. Holle como se deve fazer, nem sacudia os acolchoados até que saíssem voando as suas plumas. A Sra. Holle rapidamente se cansou da moça e a despediu.

Então, a folgadona pensou satisfeita que agora cairia sobre ela uma chuva de ouro. Ela foi conduzida até a porta pela Sra. Holle e, quando transpôs a mesma, em lugar de cair ouro, esvaziaram sobre ela um grande balde de piche.

- Isto te dou para recompensar teus serviços - disse a Sra. Holle fechando a porta. A folgadona voltou para casa coberta de piche, e o galo, do alto do poço, cantou:

Quiquiriqui! Nossa suja donzela está de novo aqui.
O piche ficou-lhe firmemente grudado, não podendo tirá-lo pelo resto de sua vida.

O SAPO REI

Tradução do livro Contos para as Crianças da Escola Livre Manacá

Era uma vez, nos velhos tempos, um rei cujas filhas eram lindíssimas. A mais jovem porém, era tão linda, que até o sol, que já havia visto tantas coisas neste mundo, maravilhava-se cada vez que lhe iluminava o rosto.

Nas proximidades do castelo real, estendia-se uma floresta grande e sombria, onde embaixo de uma velha tília havia um poço. Nos dias de muito calor, a princesinha ia para o bosque e sentava-se à beira desse poço. Quando principiava a aborrecer-se, entretinha-se com uma bola de ouro jogando-a para o alto e pegando-a novamente nas mãos. Era este o seu brinquedo favorito.

Certa vez, a bola de ouro não voltou a cair nas mãozinhas erguidas da princesa, mas foi ter ao chão, de onde rolou para dentro da água. Seguindo-a com o olhar, a menina viu quando desapareceu nas profundezas do poço.

O poço era tão profundo que não se via o fim. Começou então a soluçar, sem poder conformar-se. De repente, ouviu alguém dizer:

- Que aconteceu, princesa? O teu choro é capaz de comover até as pedras. Ela voltou-se para ver de onde vinha aquela voz e avistou um sapo, que metera sua cabeça gorda e feia para fora d'água.

- Ah, és tu, velho saltador! - exclamou ela - estou chorando por causa da minha bola de ouro que caiu no poço.

- Acalma-te e não chores mais - retrucou o sapo - posso ajudar-te. Mas, que me dás em troca se eu trouxer o teu brinquedo?

- Tudo que desejares, meu bom sapo - disse ela - meus vestidos, minhas pérolas e pedras preciosas, até a coroa de ouro que estou usando.

O sapo retrucou:

- Não quero teus vestidos, tuas pérolas e pedras preciosas, nem a tua coroa de ouro. Mas, se prometeres gostar de mim, e se permitires que eu seja teu amiguinho e companheiro, que eu me sente ao teu lado na mesa, coma do teu pratinho de ouro, beba de teu copinho e durma em tua caminha, eu descerei ao fundo do poço e trarei tua bola de ouro.

- Oh, sim! - exclamou a princesinha - prometo tudo o que quiseres, desde que tragas a minha bola.

Mas, consigo mesma pensava: — Conversa fiada deste sapo pretensioso. Vive dentro d'água com seus semelhantes, coaxa o dia inteiro e nunca poderá ser companheiro de uma pessoa.

O sapo, depois de ouvir a promessa, mergulhou na água e foi ao fundo. Passados alguns momentos, apareceu à tona, trazendo na boca a bola de ouro e atirou-a sobre a relva. A princesa, ao rever seu lindo brinquedo, ficou toda contente, apanhou-o e saiu correndo.

- Espera, espera! - gritou o sapo. Leva-me contigo, não posso correr assim tão depressa!

Mas de nada adiantou gritar. A princesa não o atendeu, apressando-se a chegar em casa e, pouco depois, esqueceu-se do pobre sapo que se viu obrigado a voltar ao poço. No dia seguinte, estando a princesinha à mesa, em companhia do rei e dos membros da corte, comendo em seu pratinho de ouro, eis que - plic-plac - algo veio subindo a escadaria de mármore e, ao chegar ao topo, bateu à porta dizendo:

- Princesinha caçula, abre a porta para mim!

Ela saiu correndo para ver quem era, mas quando abriu a porta, deparou com o sapo lá fora. Rapidamente fechou a porta e, amedrontada, voltou a sentar-se à mesa. O rei, notando como lhe balia o coração, disse-lhe: - Por que estás com medo, minha filha? Há por acaso algum gigante lá fora que pretende levar-te?

- Oh, não! - respondeu a menina. Não é um gigante, mas um sapo nojento.

- E que deseja o sapo?

- Ah, querido pai! Ontem, quando eu estava na floresta brincando perto do poço, a minha bola de ouro caiu na água e como eu chorei muito, o sapo foi buscá-la para mim. Depois, devido à sua insistência, prometi-lhe que seria meu companheiro, mas nunca eu imaginei que pudesse viver fora de sua água. Agora, está aí fora e quer entrar!

Nesse momento, bateram novamente à porta e ouviu-se uma voz que dizia:

- Oh, princesinha caçula, abre a porta para mim! Já te esqueceste de tudo e das promessas enfim? Oh, princesinha caçula, abre a porta para mim!

-- Deves cumprir o que prometeste: vai e deixa que ele entre

A menina obedeceu e foi abrir a porta. O sapo saltou para dentro, seguindo-lhe os passos até a sua cadeira. Ali plantou-se e disse:

-- Agora, levanta-me do chão!

Ela hesitou, mas o rei ordenou que assim fizesse. Uma vez na cadeira, o sapo queria ir para a mesa e, depois de estar ali, insistiu:

- E agora, aproxima de mim o teu prato de ouro para podermos comer juntos.

A princesa obedeceu, mas bem se via como estava contrariada.

O sapo regalou-se com a comida; ela, porém, mal pôde engolir um bocado.

Finalmente, disse o sapo:

- Comi bastante. Sinto-me cansado. Leva-me agora à tua caminha de seda; vamos deitar e dormir juntos.

A princesa irrompeu em prantos. Sentia pavor daquele sapo frio no qual nem se atrevia a tocar e que agora pretendia dormir no seu leito de seda tão limpinho. O rei, zangado, repreendeu-a:

- Não deves desprezar a quem te prestou ajuda quando estavas necessitada.

Ela, então, pegou o sapo com dois dedos e levou-o para cima, onde largou-o num canto. Mas, logo que estava deitada, veio ele se aproximando aos saltos, dizendo-lhe:

- Estou cansado e quero dormir tão bem como tu: levanta-me, senão contarei ao teu pai.

Enfurecida, a princesa levantou o sapo do chão e, com toda a força, jogou-o contra a parede.

- Agora vais sossegar, sapo imundo!

Mas quem foi que falou em sapo nojento? Ao cair no assoalho não era mais um sapo - transformara-se num príncipe de olhos belos e amáveis, que se tornou então, pelo desejo do rei, marido da princesinha.

O príncipe contou que uma bruxa má o havia encantado e ninguém, a não ser a princesa, podia libertá-lo e tirá-lo do poço. Disse que no dia seguinte iriam para o seu reino.

Adormeceram e quando acordaram, pela manhã, apareceu uma carruagem com oito cavalos brancos, adornados com plumas brancas e correias de ouro. Na parte de trás do carro e de pé, vinha o criado do jovem rei, o fiel Henrique. Este havia ficado tão triste ao ver seu amo transformado em sapo, que tinha mandado passar três aros de ferro em torno de seu coração para que não partisse de dor e de tristeza. A carruagem devia levar o rei de volta a seu reino. O fiel Henrique auxiliou os dois a subirem nela. Depois foi colocar-se no seu posto, cheio de alegria pela libertação de seu amo. Quando já haviam percorrido um trecho do caminho, o príncipe ouviu um barulho, como se alguma coisa estivesse quebrando. Voltou-se e indagou:

- Henrique, o carro está quebrando?

- Não é o carro que se quebra. É apenas o aro do meu coração, que não podia de dor. Quando meu amo e senhor, mudado num sapo imundo, coaxava triste e sozinho, naquele poço profundo.

Ainda mais duas vezes ouviu-se o estalo durante a viagem e sempre o príncipe pensava que era a carruagem que se partia. Mas eram apenas os aros do coração do fiel Henrique, por ver seu amo salvo e feliz.

E ninguém sabe... se não morreram, vivem felizes até hoje.

DEDAL, DEDALZINHO

Tradução do livro Contos para as Crianças da Escola Livre Manacá

Era uma vez, distante daqui, no meio das montanhas, uma pequena casa. O telhado quase alcançava o chão. Nessa casa morava um menino e sua mãe, sozinhos. Ele veio ao mundo com uma corcunda. Sua mãe o amava tanto como somente uma mãe pode amar sua criança.

Quando ele cresceu, sua corcunda também cresceu de modo que ele não conseguia olhar para o céu quando caminhava, tendo sempre que olhar para o chão. Assim, ele sempre achava ervas e flores raras.

Ele também não conseguia pular ou trepar em árvores como as outras crianças da aldeia. Sua mãe ia muitas vezes com ele à floresta à procura de amoras e ervas.

Uma vez ele achou uma bela flor como muitos sininhos, que se chamava dedalzinho. Por ter gostado tanto dela, a enviou no chapéu.

Assim, ele passou a ser chamado por todos de Dedalzinho, pois nunca era visto sem o chapéu com as florzinhas.

Quando Dedalzinho fez 14 anos, foi levado para trabalhar com um cesteiro e aprender o ofício de fazer cestas.

Por ser bem habilidoso, passou logo a fazer lindas cestas que todos compravam quando as levava à feira na cidade.

Por ser bem habilidoso, passou logo a fazer lindas cestas que todos compravam quando as levava à feira na cidade.

Dedalzinho ficava o dia inteiro no trabalho, muitas vezes até tarde da noite. Às vezes ele cantava, sozinho e baixinho:

Da manhã até o crepúsculo
Eu faço cestas grandes e pequenas
Pra cima pra baixo vai e volta
Até que o trabalho esteja feito

Quando todas as cestas ficavam prontas ele juntava as coisas e ia a caminho da cidade.

O caminho era longo e quando as cestas se tornavam pesadas demais, procurava um lugar para descansar.

Certa vez, quando voltou tarde da feira onde havia vendido quase todas as cestas, foi tomado de grande cansaço. Sentou sob uma árvore no musgo, perto de uma colina. Já estava escuro e seus olhos se fechavam frequentemente.

De repente, a lua começou a nascer grande e redonda e foi ficando cada vez mais clara. Aí ele ouviu uma voz cantando maravilhosamente:

Navega meu barquinho

Pelo azul do céu...

Como a música continuava sempre igual e no mesmo tom, Dedalzinho começou a cantar e cantou essa melodia do seu jeito até o final.

Navega meu barquinho,

Pelo azul do céu,

Navega devagarzinho,

Nunca vai ao léo,

Mal havia acabado de cantar a melodia, começou um vento ruidoso e na luz prateada da lua ele viu elfos e fadinhas voando em sua direção, vindas de trás da colina.

Elas disseram:

- Dedalzinho, dedal. Você conseguiu. Você cantou nossa canção de fadas graciosamente até o final. Venha para o reino das fadas, desça conosco.

Dedal ... Dedalzinho, seja alegre e feliz.

Elas pegaram suas mãos e voaram com ele para dentro da colina. Ele ficou tonto e, ao abrir os olhos viu uma riqueza como nunca vira em sua vida. Tudo brilhava e cintilava quase o cegando e por toda a parte ele ouvia uma música bem suave.

As fadas o levaram à sua rainha e contaram como havia cantado graciosamente a sua música até o final. Depois elas conversaram sobre como poderiam presentear Dedalzinho.

Elas o rodearam e falaram todas juntas:

Dedal, Dedalzinho,

Tenha novo ânimo,

Tua corcunda vai cair,

Seja alegre e feliz,

Você será libertado,

eternamente.

Mal as palavras haviam ressoado, Dedalzinho se sentiu tão leve e feliz que queria com um único salto pular sobre a lua.

Tentou erguer a cabeça e realmente o conseguiu sem grande esforço.

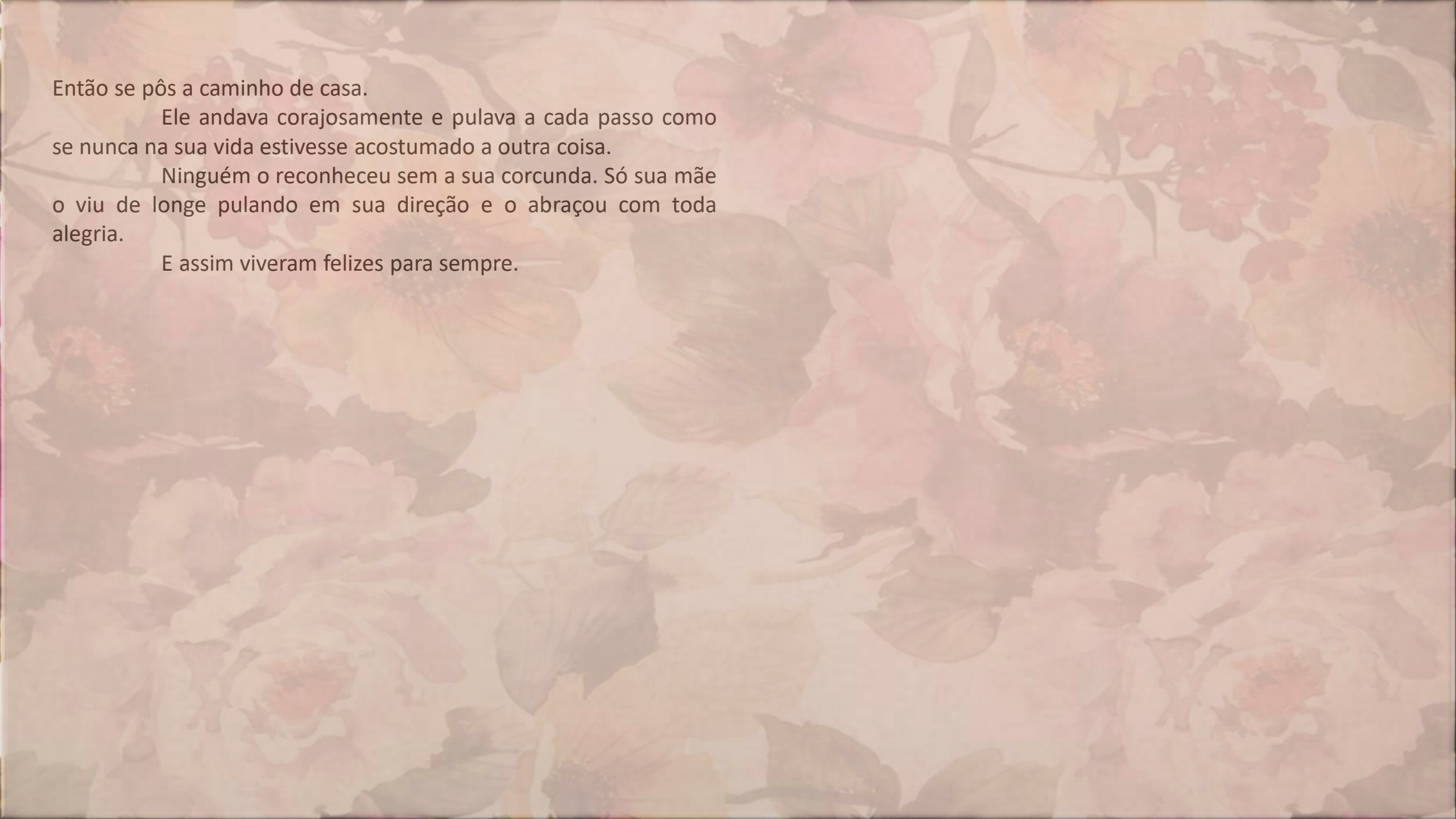
Ele olhava livremente em torno de si e via todo o brilho e a beleza do reino das fadas ao seu redor.

Depois adormeceu e no seu sono profundo ainda ouviu o canto das fadas.

Ao acordar já era dia claro, o sol brilhava, os pássaros cantavam e ele estava deitado ao sopé da colina das fadas. Enquanto coelhos e carneiros pastavam ao seu redor, em paz.

Após rezar sua oração matinal, sua primeira atitude foi tatear suas costas à procura da corcunda mas não havia sequer vestígio dela.

Da cabeça aos pés, estava vestido com novas roupas que as fadas lhe haviam presenteado.



Então se pôs a caminho de casa.

Ele andava corajosamente e pulava a cada passo como se nunca na sua vida estivesse acostumado a outra coisa.

Ninguém o reconheceu sem a sua corcunda. Só sua mãe o viu de longe pulando em sua direção e o abraçou com toda alegria.

E assim viveram felizes para sempre.

ROSINHA DE ESPINHOS

Tradução do livro Seixos Rolados de Luiza Helena Tannuri Lameirão

Viviam, há muitos anos, um rei e uma rainha que todo dia lamentavam:

- Ah, se tivéssemos um filho! - e não eram atendidos

No entanto, certa vez, quando a rainha se banhava, aconteceu que uma rã saltou da água para a terra e lhe disse:

- Teu desejo será realizado: antes que se passe um ano, darás à luz uma filha.

Tal como o sapo havia dito, assim aconteceu, e a rainha deu à luz uma menina tão linda, que o rei não cabia em si de contente e mandou realizar uma grande festa. Ele não convidou apenas os parentes e conhecidos, mas também as mulheres sábias, para que se afeiçoassem à criança e lhe fossem propícias.

Havia treze delas em seu reino, mas como ele só tinha doze pratos de ouro onde elas pudessem comer, uma deveria ficar em casa.

A festa foi celebrada com toda a pompa, e quando estava no fim, as mulheres sábias presentearam a criança com seus dons maravilhosos: uma, com a virtude; outra, com a beleza; a terceira, com riqueza; e assim com tudo o que se pode desejar neste mundo.

Quando onze já haviam proferido suas sentenças, entrou repentinamente a décima terceira. Ela queria vingar-se por não ter sido convidada e, sem nem mesmo olhar ou cumprimentar ninguém clamou em voz alta:

- A filha do rei, em seu décimo quinto ano de vida, ferir-se-á com um fuso e cairá morta.

E, sem dizer mais palavra, virou as costas e abandonou a sala.

Todos se assustaram, mas nisto adiantou-se a décima segunda que ainda guardara seu desejo; e como não podia anular sentença maligna, mas apenas atenuá-la, falou:

- Na verdade não haverá morte, mas sim um profundo sono de cem anos, no qual cairá a filha do rei.

O rei que queria muito preservar sua filha daquela desgraça, deu ordem para que todos os fusos no reino inteiro fossem queimados. Ora, na menina foram mulheres sábias, pois ela era tão linda, modesta, afável e ajuizada, que todos que olhavam para ela eram levados a lhe querer bem.

Aconteceu que, justamente no dia em que ela completou quinze anos, o rei e a rainha não estavam em casa e a menina ficou completamente sozinha no castelo.

Então ela andou por toda a parte, examinando salas e quartos a seu bel prazer, e chegou finalmente a uma velha torre. Subiu a escada estreita em caracol e chegou a uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave enferrujada; quando ela lhe deu a volta, abriu-se a porta e ali estava, sentada numa pequena salinha, uma velha com um fuso, fiando ativamente seu linho.

- Bom dia, velha mãezinha - disse a filha do rei - que fazes aí?

- Eu fio - disse a velha balançando a cabeça.

- Que é isto que saltita de modo tão divertido? - disse a menina e, querendo também fiar, pegou o fuso.

Mal, porém, o tocou, cumpriu-se a maldição e ela espetou nele o seu dedo.

No mesmo instante em que sentiu a picada, caiu sobre a cama que ali havia e adormeceu profundamente. O rei e a rainha, que acabavam de chegar e entrar na sala, começaram a dormir, e com eles, toda a corte.

Assim também dormiram os cavalos na estrebaria, os cachorros no pátio, os pombos no telhado, as moscas na parede; até o fogo que bruxuleava no fogão ficou quieto e adormeceu, o assado parou de tostar, e o cozinheiro, que queria puxar os cabelos do ajudante porque este havia cometido um erro, soltou-o e

dormiu. O vento cessou, e nas árvores defronte do castelo nenhuma folhinha se mexeu mais.

Ao redor do castelo começou a crescer uma sebe de espinhos, que de ano para ano se tornava mais alta. Finalmente ela envolveu todo o castelo e cresceu ainda mais além, de maneira que dele nada mais se via, nem sequer a bandeira no alto do telhado.

Pelo país correu a lenda da bela Rosinha de Espinhos adormecida, pois assim era chamada a filha do rei. Por isso, de tempos em tempos, vinham ter ali filhos de reis que queriam atravessar a sebe e penetrar no castelo.

Contudo isso não lhes era possível, pois os espinhos, com se tivessem mãos, se mantinham firmemente cerrados, e os mancebos ficavam presos ali, não podendo mais se libertar, morrendo miseravelmente.

Após longos e longos anos, mais uma vez veio ao país o filho de um rei, e ele ouviu como um velho contava sobre a sebe de espinhos e de como atrás dela existia um castelo, onde uma lindíssima princesa real, chamada Rosinha de Espinhos, dormia já há cem anos e, com ela, o rei, a rainha e toda a corte. Ele soube também por seu avô que muitos príncipes já haviam vindo e tentado penetrar através da sebe, tendo, porém, ficado presos nela e sofrido uma triste morte.

Disse então o mancebo:

- Eu não tenho medo. Quero ir lá para ver a Rosinha de Espinhos. O bom velho podia tentar dissuadi-lo como quisesse. Ele não ouvia suas palavras.

Porém já se haviam passado exatamente os cem anos e chegara o dia em que a Rosinha de Espinhos devia acordar. Quando o filho do rei se aproximou da sebe de espinhos, ali havia lindas e enormes flores, que se afastaram por si mesmas umas das outras e o deixaram passar ileso, fechando-se de novo atrás dele como sebe.

No pátio do castelo, ele viu os cavalos e os cães de caça malhados deitados dormindo; no telhado estavam pousados os pombos com as cabecinhas metidas debaixo das asas. E quando ele entrou em casa, as moscas dormiam nas paredes, o cozinheiro na cozinha tinha ainda a mão levantada, como se quisesse agarrar o ajudante, e a criada estava sentada diante da galinha preta que devia ser depenada.

Então ele continuou andando e viu, na sala, toda a corte adormecida, e no alto, deitados ao lado do trono, o rei e a rainha.

Seguiu mais adiante, e estava tudo tão quieto que podia ouvir sua própria respiração.

Por fim chegou à torre e abriu a porta que dava para a saleta onde Rosinha de Espinhos dormia. Lá estava ela deitada, tão linda que ele não conseguia desviar dela os olhos. Inclinou-se e

beijou-a. Assim que a tocou com o beijo, Rosinha de Espinhos abriu os olhos, acordou e olhou amavelmente para ele. Então desceram juntos, e o rei acordou, e a rainha, e toda a corte, e olharam uns para os outros com os olhos arregalados. E os cavalos na estrebaria se levantaram e se sacudiram, e os cães de caça pularam e abanaram o rabo; os pombos no telhado tiraram a cabecinha debaixo da asa, olharam em volta e voaram para o campo; as moscas na parede se puseram a andar de novo; o fogo na cozinha avivou-se e, bruxuleando, cozinhou a comida; o assado recomeçou a tostar; o cozinheiro deu uma bofetada no ajudante, que fez com que ele gritasse, e a criada acabou de depenar a galinha.

E então foram festejadas, com toda a pompa, as bodas do filho do rei com a Rosinha de Espinhos, e eles viveram felizes por toda a vida.

Ana Lucia, Brenda, Cleonice, Erika, Glaucia, Juliana, Malu e Paula.

Fernanda, Joelma, Natalia Fiuza e Natalia Lobo.